

organizadoras

Marilene Gabriel Dalla Corte

Dóris Pires Vargas Bolzan

Gabriela Barichello Mello

contextos emergentes

singularidades
da formação
e desenvolvimento
profissional
na Educação Básica
e Superior

 pimenta
2020
São Paulo

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eying
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Ligia Andrade Machado
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida
Imagens da capa	Kjpargeter, Biancoblu, Goinyk - Freepik.com
Editora executiva	Patricia Bieging
Revisão	Os autores
Organizadoras	Marilene Gabriel Dalla Corte Dóris Pires Vargas Bolzan Gabriela Barichello Mello

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C761 Contextos emergentes: singularidades da formação e desenvolvimento profissional na Educação Básica e Superior. Marilene Gabriel Dalla Corte, Dóris Pires Vargas Bolzan, Gabriela Barichello Mello - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 599p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-079-3 (eBook)

1. Educação. 2. Formação de professores. 3. Docência.
4. Currículo. I. Corte, Marilene Gabriel Dalla. II. Bolzan, Dóris Pires Vargas. III. Mello, Gabriela Barichello. IV. Título.

CDU: 371.13
CDD: 371

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.793

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



7

Maria Elly Herz Genro
Jaime José Zitkoski
Rafael Arenhaldt

**PROJETOS EMERGENTES
DE UNIVERSIDADE:
UNILA, UFFS E UFSB
NA CONTRAMÃO DO DESPERDÍCIO
DAS EXPERIÊNCIAS**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.793.141-155

INTRODUÇÃO

No Brasil, apesar de uma herança colonial que deixou marcas profundas de desigualdades e exclusão social, experimentamos alguns movimentos de democratização política e social e de mudanças significativas nas instituições republicanas, dentre elas a universidade. Nessa direção, o objetivo do presente estudo é evidenciar as alternativas que emergem de modelos inovadores na forma de projetar e desenvolver a universidade. As inquietações que nos mobilizam, enquanto coletivo de pesquisa, expressam-se nos seguintes questionamentos: Que projetos estão a emergir nestas novas universidades? De que forma podemos nomear uma experiência emergente no campo da educação superior, considerando sua gênese institucional, sua relação com a sociedade e seus projetos instituintes na relação ensino, pesquisa e extensão?

Despontaram na última década um conjunto de experiências promissoras de novas universidades, que se organizam desde princípios e filosofias que desafiam a arquitetura clássica das universidades aqui implantadas desde a colonização europeia. Em um universo de dezoito novas universidades, criadas no período de 2003 a 2014, nosso interesse mais específico está voltado para a análise da Universidade da Integração Latino Americana (Unila), da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Essas experiências envolvem movimentos contra-hegemônicos, pequenos, mas sensíveis frente aos desafios da educação superior contemporânea. Ou seja, são universidades criativas, ousadas e ainda frágeis em seus projetos que lutam para se consolidarem como distintas e inovadoras.

A universidade, numa sociedade democrática, jamais deveria estar atrelada a lógica do mercado, considerando seu *ethos* originário de instituição autônoma, crítica e formadora de novos mundos.

Portanto, no atual contexto de capturas das instituições pelos mecanismos de mercado, é fundamental a reinvenção da universidade a partir de movimentos contra-hegemônicos, que precisam se tornar um imperativo ético no esforço de contribuir para a reinvenção de utopias possíveis.

As universidades emergentes, em seus processos formativos, suas experiências alternativas e seus horizontes de racionalidade alargada, precisam se fortalecer na contramão dos padrões elitistas que historicamente se estabeleceram no Brasil. Portanto,

A universidade do século XXI será certamente menos hegemônica, mas não menos necessária. A sua especificidade enquanto bem público reside em ser ela a instituição que liga o presente ao médio e longo prazo pelos conhecimentos e pela formação que produz e pelo espaço público de discussão aberta e crítica que constitui (SANTOS, 2010, p. 114).

A universidade, como instituição social (CHAUÍ, 2003), tem o compromisso de imaginar e experimentar outras configurações políticas e sociais, tendo como pressuposto pensar novas configurações institucionais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracteriza como estudo de caso sobre as três universidades: UFFS, Unila e UFSB, ancorada fundamentalmente na pesquisa bibliográfica e documental a partir dos principais dados que constam nos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDIs) e estatutos das universidades.

Além dos documentos oficiais, consultamos o site oficial das instituições de educação superior (IES) e publicações já organizadas sobre a história de cada instituição. A pesquisa documental e bibliográfica foi complementada com a análise de algumas entrevistas conduzidas pela equipe de pesquisa com gestores e professores que atuaram desde o início das atividades das IES. O desafio tem sido analisar as dimensões que caracterizam uma universidade emergente a

partir das seguintes categorias: interiorização e expansão da educação superior; gênese histórica e relações da comunidade acadêmica com a sociedade; e presença intensa e diversa de sujeitos e saberes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE AS UNIVERSIDADES EMERGENTES E A FORMAÇÃO HUMANA

Compreendemos que a universidade não é um mero espelho da sociedade, pois além de ser um espaço de reprodução das relações sociais e políticas, ele também atua sobre a sociedade. Essa relação se dá através da formação, da pesquisa e da intervenção na sociedade, através de ensino, pesquisa e extensão, tríade de frágil articulação na universidade convencional. A ideia de universidade como instituição social, como bem público, questiona a captura de subjetividades pela lógica do existente, instituído, que naturaliza processos de exclusão e dominação fortemente presentes no contexto do capitalismo contemporâneo.

Outro aspecto a ser considerado em relação à ideia de universidade como bem público diz respeito ao seu compromisso com a formação ético-política, além da formação profissional, para pensar e imaginar um projeto de país mais densamente democrático, inclusivo e pautado pela ideia de liberdade contextual. Tal concepção da política como liberdade (ARENDR, 1998), movimento, conceito e desejo, visa à superação possível das mazelas sociais, políticas e culturais que obstaculizam o Bem Viver, como suporte da dignidade humana.

O compromisso social da universidade, sua democratização interna e na sua relação com a sociedade dizem respeito à construção de uma instituição aberta a todos os grupos sociais e seus saberes, num questionamento radical das desigualdades sociais e das diferentes

formas de opressão política e cultural. Nesta perspectiva, ressaltamos a importância do Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012 (Análise sobre a expansão das universidades federais: 2003 a 2012), da qual participaram representantes de diferentes instituições. Este relatório está de acordo com o preceito constitucional (BRASIL, 1988, art. 25) que considera a educação como um direito de cidadania e um dever do Estado.

A educação superior é compreendida, no cenário internacional, como um bem público (Unesco, 2009). No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu art. 205, define a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família. Este preceito constitui-se como base de sustentação para definição de políticas públicas da educação do país. O reconhecimento do papel da universidade como um instrumento de transformação social, desenvolvimento sustentável e inserção do país, de forma competente, no cenário internacional, mobilizou os movimentos reivindicatórios de expansão da educação superior pública e gratuita (COMISSÃO..., 2012, p. 9).

A busca da emancipação humana requer movimentos permanentes de formação de um sujeito político na construção de conhecimentos e valores, num exercício de liberdade, em que o embate anticapitalista e anticolonialista seja um processo sem fim, pois os mecanismos de captura dos sujeitos na conformidade frente ao mundo estabelecido estão arraigados em corações e mentes. Nesta perspectiva, Severino (2010) nos instiga a pensar a responsabilidade da formação universitária no reconhecimento do ser humano como ser histórico e cultural, pressupondo o desenvolvimento de uma racionalidade sensível política, ética e estética, com intencionalidade de delineamento do sentido da vida e da própria educação.

Compreendemos que a formação política diz respeito à compreensão da vida pública, da democracia e da cidadania num compromisso com o bem público em que afirmamos a especificidade do humano no exercício da liberdade de sujeitos políticos potentes.

O processo de construção dessas universidades emergentes, com ênfase na participação de diferentes comunidades, pode proporcionar uma formação política numa dinâmica de diálogo de saberes. Também possibilita um perfil de cidadão e profissional alternativo ao hegemônico, comprometido com a qualidade social de sua ação técnica e humana, num espaço público de liberdade.

Nesse sentido, aproximamo-nos da concepção de Bem Viver sistematizada por Acosta (2016, p. 202), defendendo que “a tarefa de construção do Bem Viver é, portanto, descolonizadora. Pois, estabelece definitivamente uma cosmovisão diferente da ocidental ao surgir de raízes comunitárias, não capitalistas” (ACOSTA, 2016, p. 202).

EXPLICITANDO EXPERIÊNCIAS DE UNIVERSIDADES EMERGENTES

Delimitamos este estudo na análise das experiências de Unila, UFFS e UFSB.

Unila – Universidade Federal da Integração Latino-Americana

A Unila começou a ser estruturada em 2007 pela Comissão de Implantação, com a proposta de criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (Imea), em convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Itaipu Binacional. No dia 12 de janeiro de 2010, a Lei nº 12.189 foi sancionada pelo presidente Lula, criando a Universidade.

A vocação da Unila é ser uma universidade que contribua para a integração latino-americana, com ênfase no Mercosul, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos

governamentais e internacionais. Essa perspectiva, no depoimento de uma professora, envolve diferentes realidades culturais.

A gente vê resistência, dentro da própria universidade, a gente tem professores que têm essa resistência. Imagina, a América Latina é muito rica e o contato que a gente tem com esses estudantes que vêm de fora, e a diversidade cultural é uma coisa que não dá para mensurar. No início, éramos poucos, tínhamos paraguaios, argentinos, uruguaios, brasileiros, lá naquele comecinho. Logo em seguida, começaram a vir bolivianos, chilenos, colombianos, venezuelanos, peruanos, equatorianos e foi aumentando. Agora temos alunos de El Salvador, da Nicarágua, do Haiti. Nós temos alunos do Haiti, de um programa especial para refugiados do Haiti (Depoimento de Docente da Unila, 2018).

A universidade está estruturada com uma organização inovadora e com uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos, humanísticos e culturais atuais e futuros. Como instituição pública federal brasileira, pretende, dentro de sua vocação transnacional, contribuir para o aprofundamento do processo de integração regional, por meio do conhecimento compartilhado, promovendo pesquisas avançadas em rede e a formação de recursos humanos de alto nível, a partir de seu lmea, com cátedras regionais nas diversas áreas dos saberes artístico, humanístico, científico e tecnológico.

A instituição está organizada em quatro Institutos a partir dos quais desenvolve os cursos de graduação, programas de pós-graduação, pesquisas e projetos de extensão. São as seguintes unidades: Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História; Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e Natureza; Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política; Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território.

Destacamos a organização de cátedras enquanto lócus de articulação entre as diferentes modalidades de cursos e atividades

universitárias. As cátedras trabalham com temáticas atuais, de pensadores e intelectuais influentes no mundo contemporâneo, principalmente autores que contribuem para elucidar as temáticas sociais, políticas e culturais da América Latina. Por exemplo: a Cátedra Paulo Freire.

Além do que destacamos, a perspectiva interdisciplinar dos cursos e projetos de pesquisa e extensão potencializa uma formação mais voltada para a realidade e a prática de intervenção na sociedade. O depoimento de um professor explicita os desafios de construção de uma universidade de integração latino-americana.

Eu acho que é um grande desafio, requer grande ousadia. A maior dificuldade é implantar nas disciplinas o que conversamos antes, já que não se tem garantias quanto a uma reversão, se pegarmos, por exemplo, a universidade do Ceará – Unilab [Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira], voltada para África. Acho que é preciso pensar grande, pensar a longo prazo, e as questões menores se resolvem com o tempo. Precisamos abrir a cabeça para poder pensar se vai ser possível construir uma universidade, sendo universidade e ao mesmo tempo sendo diferente das universidades tradicionais. Há vários projetos emergentes (Depoimento de Docente da Unila, 2017).

UFFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

A expectativa de ter uma universidade federal na Mesorregião Grande Fronteira Mercosul é antiga. Durante décadas, o assunto foi pautado nos meios de comunicação, nas instituições de ensino e nas mais diversas esferas sociais. Mas foi em 2005 que entidades públicas, organizações não governamentais (ONGs) e movimentos sociais alcançaram coesão para criar o Movimento Pró-Universidade Federal.

Em 15 de setembro de 2009, a criação da UFFS é oficializada com a lei 12.029. Em 15 de outubro, o professor Dilvo Ristoff foi empossado como reitor *pro tempore* da UFFS. A data que marcou a constituição completa da comunidade acadêmica da UFFS foi 29 de março de 2010. A vocação da UFFS caracteriza-se por se voltar às necessidades da Mesorregião Grande Fronteira Mercosul onde está instalada, configurando-se como universidade pública e popular, de qualidade, comprometida com a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do Brasil. Propõe-se uma instituição democrática, autônoma, que respeite a pluralidade de pensamento e a diversidade cultural, com a garantia de espaços de participação dos diferentes sujeitos sociais. Nesse sentido, conforme depoimento, constatamos a importância da identidade da UFFS.

[...] tínhamos todos esses desafios, essas prioridades: a agroecologia, o meio ambiente, a agricultura familiar, o cooperativismo, mas eu sempre achei que a ideia central [era] de uma universidade popular. Porque, a gente tinha que assumir uma identidade e eu acho que nós fomos bem felizes na construção da identidade, pois todos estão percebendo que a UFFS tem, de fato, uma identidade, que é ser popular. Ou seja, ser uma universidade onde os segmentos populares mais diversos tenham acesso, essa característica (Depoimento de Docente da UFFS, 2019).

Também destacamos no seu ideário, registrado no PDI, o estabelecimento de dispositivos de combate às desigualdades sociais e regionais, incluindo condições de acesso e permanência na educação superior. Há especial atenção para a população mais excluída do campo e da cidade, tendo na agricultura familiar um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento, assim como a premissa de valorizar e superar a matriz produtiva existente.

Os diferentes câmpus oferecem determinados cursos que estão organizados a partir das demandas de sua região e dos perfis

de egressos projetados segundo os diferentes setores da sociedade envolvidos no debate desde a origem da UFFS: movimentos sociais, agropecuária, indústrias, setor de serviços e meio ambiente.

Uma das principais marcas da UFFS está na origem dos cursos oferecidos, que emergem do diálogo dos gestores com os diferentes atores sociais, com destaque para os movimentos sociais em suas demandas de formação e qualificação das pessoas para atenderem às necessidades da economia regional e da formação político-social. Os primeiros cursos oferecidos definiram como critério para o ingresso a formação dos estudantes no ensino médio público. E, conforme a realidade das regiões de abrangência dos câmpus da UFFS, os discentes se caracterizam por serem filhos de pequenos agricultores da região e das classes populares urbanas (93%).

A partir desse contexto, a UFFS inaugura projetos de pesquisa e de extensão voltados para o público alvo. A Universidade desenvolve pesquisas juntos às redes públicas de ensino voltados para a formação de professores nas licenciaturas ofertadas e, também, projetos de pesquisa com a pequena e média propriedade agrícola, valorizando a agricultura familiar e as cadeias produtivas locais e regionais. O projeto estratégico da UFFS está voltado para o desenvolvimento das regiões fronteiriças do sul do Brasil nos três estados da Região Sul, em uma localização estratégica para potencializar o desenvolvimento local sustentável.

UFSB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

A UFSB se materializa a partir de um documento fundacional, Carta de Fundação e Estatuto de 2013, que define princípios e valores como resultado de um processo intenso de consultas e discussões

em municípios, escolas, movimentos sociais e diferentes contextos institucionais. Criada pela Lei 12.818, de 5 de junho de 2013, é uma autarquia com autonomia didático-científica, administrativa, patrimonial e financeira, nos termos da Constituição Brasileira.

Na gênese da UFSB, estão presentes referenciais teóricos sustentados pela contribuição de diferentes pensadores. Adota-se a contribuição de Milton Santos sobre o território, do local em articulação com o global, tendo sua singularidade na criação de práticas solidárias e na transformação social. A teoria de Paulo Freire contribui para o desenvolvimento de pedagogias ativas e emancipadoras, na contramão da domesticação do humano característica da educação bancária. O contributo derivado do pensamento de Anísio Teixeira diz respeito à articulação de uma universidade de qualidade, inclusiva e massiva. E, a partir de Boaventura de Sousa Santos, aporta-se a ideia ecologia de saberes, “extensão ao contrário”, como ferramenta relevante para formar rebeldes competentes. Ao refletir sobre as inspirações teóricas da gênese da universidade, um docente entrevistado destaca a:

[...] referência inicial de Anísio Teixeira, da escola nova e de universidade popular. Darcy Ribeiro também, do projeto original da UnB [Universidade de Brasília], e que também Anísio Teixeira protagonizou bastante, que foi outra referência. Todas as discussões de Milton Santos sobre geografia nova e territorialidade e uma forte aproximação com Boaventura de Sousa Santos na ecologia de saberes pelo livro *Pelas mãos de Alice*, e as três crises: de legitimidade, de hegemonia e institucional. Essas são referências que inspiraram muito, mas eu diria que a fonte é Anísio Teixeira, uma retomada do projeto lá da década de 40 que foi interrompido [...]. Fazer todo o debate da década de 40 e 50 com Abdias do Nascimento, do movimento negro, do direito do negro na universidade, dos indígenas até a universidade. O que nós fizemos foi uma espécie de grande síntese desse conjunto de políticas e tentamos incorporar isso da forma mais arredondada no nosso projeto institucional, nós incorporamos aquilo que já vem sendo feito e vem sendo bem feito socialmente (Depoimento de Docente da UFSB, 2016).

A emergência dessa universidade tem como razão de ser a geração e o compartilhamento de conhecimentos e técnicas nos campos das ciências, humanidades, artes e culturas, sustentados por um pensamento crítico-reflexivo. A articulação entre diferentes saberes e práticas objetiva o desenvolvimento humano com ética, sustentabilidade e justiça. Este horizonte aponta inovações no pensar e fazer a universidade, como rupturas epistemológicas e políticas na perspectiva de qualificação da condição humana.

Destacamos aqui a criação da Rede Anísio Teixeira de Colégios Universitários (Rede Cuni) como uma política de inclusão com capilaridade territorial e social, formada por núcleos acadêmicos extra-câmpus como um meio de acesso dos estudantes da região ao ensino superior. As atividades de formação geral da rede envolvem pesquisa e extensão. Estudantes que tenham cursado todo o ensino médio em escolas públicas da região podem ingressar na UFSB por meio dos Cuni, em rede institucional e digital com programas descentralizados e meta-presenciais de educação superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de repensar a universidade hoje e discutir alternativas na formação ético-política nos remete para a realidade da violação da dignidade humana, muitas vezes a partir de uma cultura institucionalizada sustentada pela racionalidade instrumental, hostil a subjetividades insubmissas e à concretização da dignidade humana. Para além das instituições burocratizadas, constata-se que o próprio Estado produz violência na sociedade, ao reprimir pela força policial e militar quem deveria proteger e negar o direito de acesso a saúde, educação e trabalho a milhões de cidadãos.

Nesse contexto, pensar o Bem Viver e a defesa da dignidade humana requer o cultivo de uma racionalidade sensível para as diferentes dimensões da nossa existência e não apenas para a dimensão econômica. A discussão sobre o Bem Viver nos remete para questões de natureza variada, tais como: o que é qualidade de vida? Que alternativas buscamos diante da crise dos modelos hegemônicos da civilização urbano-industrial? Como pensar a formação política nos espaços universitários nesse contexto?

Nesse sentido, pensar o Bem Viver exige avançarmos para além da dimensão econômica, ou da satisfação das necessidades materiais. É necessário potencializar uma cultura da emancipação humana e social, caminho alternativo mais coerente diante da cultura hegemônica, assentada na racionalidade regulatória com sistemas de controle da vida social que muitas vezes institucionalizam a violência e produzem a desumanização de toda sociedade.

Conforme Franklin (2009), o processo de formação humana é longo e permanente e, portanto, necessita de cuidados e habilidades, comprometimento e liberdade. Precisamos pensar propriamente em possibilidades que tornem o ser humano mais humanizado. Trabalhar um projeto que torne mais humano o ser humano é imprescindível diante dos desafios da sociedade atual. Sem uma verdadeira dedicação para compreender a complexidade do humano, não poderemos propor uma formação humana enquanto movimento humanizador sem fim.

Construir o “ser mais” (FREIRE, 1993, p. 30), que já está presente enquanto potencial em cada ser humano, é o desafio para a humanização. Tal desafio não é uma tarefa apenas individual, mas sobretudo coletiva: diz respeito à necessária transformação das estruturas socioeconômicas e políticas que produzem uma cultura da opressão como visão de mundo hegemônica. Portanto, a garantia de realizar nosso ser mais requer a organização coletiva e o desenvolvimento do pensamento

aberto à complexidade do mundo no sentido mais propositivo e ousado, no fortalecimento da luta política transformadora.

Nessa perspectiva, precisamos hoje repensar as formas de organizar a vida e o trabalho na universidade. Para construirmos alternativas mais coerentes com o desafio de concretizar vivências cotidianas do Bem Viver, precisamos aprender também com o *ethos* ameríndio, ligado às culturas dos povos originários da América Latina. Bem Viver, segundo os povos indígenas, via de regra, é organizar a vida na perspectiva do coletivo, das experiências das tradições em diálogo com a realidade atual e do respeito para com a natureza enquanto suporte de nossa existência. Os desafios encontrados a partir do compromisso com o Bem Viver implica mudanças profundas no modo de viver a vida, principalmente na coerência entre pensamento e ação, futuro e presente, felicidade e relações humanas. Afinal, viver bem é estar junto com os outros e a natureza em uma experiência de comunhão, de interdependência e de sentido de partilha.

Nesta direção, as experiências das universidades emergentes em estudo apontam alguns sinais e pistas de fortalecimento do Bem Viver, assim como interlocuções mais democráticas entre universidade e sociedade; projetos interdisciplinares ao encontro das demandas dos diferentes grupos de atores sociais envolvidos; estrutura curricular mais dinâmica e aberta aos temas contemporâneos; uma gestão mais permeável aos processos de participação e valorização da formação docente com abertura a ecologia de saberes (SANTOS, 2010), bem como a integração cultural entre os povos latino-americanos. Os projetos emergentes de universidades, enquanto espaços de possibilidades, sinalizam o inédito viável e outras lógicas, outras estéticas, outras cosmovisões, outros saberes que convencionalmente não são legitimados na universidade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

ARENDT, Hannah. *O que é política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

COMISSÃO Constituída pela Portaria nº 126/2012. *Análise sobre a expansão das universidades federais 2003 a 2012*. Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. *Constituição Federal da República Brasileira*. Brasília: Editora Senado, 1988.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

FRANKLIN, Karen. Direitos humanos na educação: superar os desafios. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 3, p. 125-144, set./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, n. 29, p. 153-164, jul./dez. 2010.